

A transição da economia moderna para a pós-moderna e suas consequências nas questões sociais e na política de emprego nos países industrializados e nos países em desenvolvimento*

*Ulrich Menzel***

A Revolução Industrial, que teve início há cerca de 200 anos na Grã-Bretanha, assinalou a última etapa da transição para a modernidade e representou a reviravolta mais incisiva de todas as esferas da vida até então ocorrida. Formação do Estado nacional, urbanização, implantação do trabalho em unidades fabris, crescimento econômico como resultado do incremento da produtividade do trabalho na indústria, aumentos reais de salário, formação do Estado social, mas também a divisão imperial do Mundo e sua valorização na esteira de uma política colonial planejada, estas foram apenas algumas das características desse processo. Atualmente, somos testemunhas de uma nova reviravolta, que compreende mais uma vez, todas as esferas da vida e todas as partes deste Mundo. Ela é descrita, ainda que de modo muito insuficiente, como a transição da moderna sociedade industrial para a sociedade de prestação de serviços pós-moderna, mas ainda pode ser designada como "terciarização", como desligamento da economia de sua

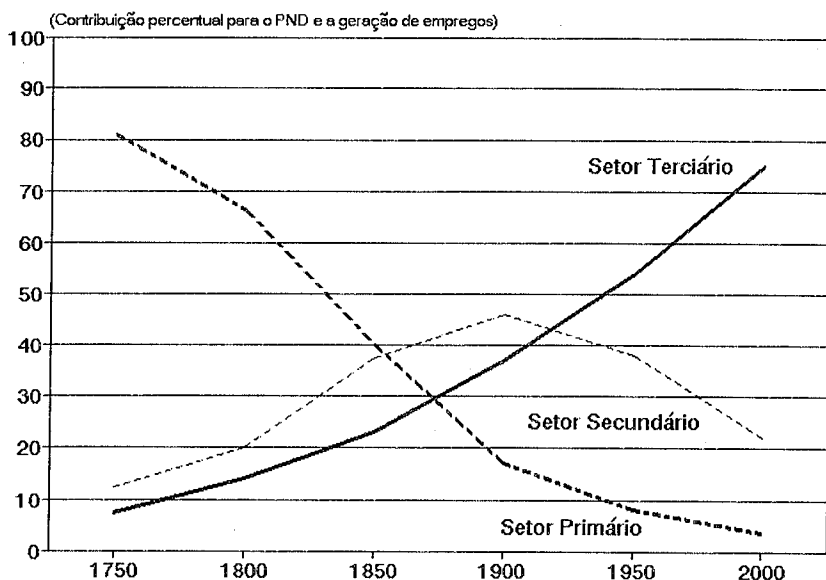
* Este texto foi traduzido por Luis M. Sander, sob os auspícios do Instituto Goethe, que gentilmente intermediou junto ao autor do texto. Revisão técnica de Carlos Roberto Winckler e Luiz Augusto Estrella Faria.

** Cientista Político e Professor Doutor da Universidade Técnica de Branschweig, Alemanha.

substância material, como desmaterialização ou até como virtualização da economia.

Uma descrição de ambos os processos de transformação em termos de tipos ideais apresenta o seguinte aspecto: antes do início da Revolução Industrial, por volta de 1750, a contribuição do Setor Primário para o produto nacional (ou seja, a produção primária na agricultura e na mineração) somava, em todos os países, cerca de 80%. Na esteira da industrialização, esse percentual baixou nitidamente, entre 1850 e 1900, para menos de 40% e hoje gira em torno de 2%, embora, em termos absolutos, no mesmo espaço de tempo a produção agrícola naturalmente tenha aumentado de maneira dramática. Paralelamente, o Setor Secundário (ou seja, a transformação dos produtos primários em mercadorias semi-acabadas e acabadas) aumentou de mais ou menos 10% (originalmente artesanato e indústria doméstica tradicional) para cerca de 50% até a virada do século XIX para o XX. Desde então, embora a produção industrial tenha continuado a crescer em termos absolutos, essa quota diminuiu drasticamente, de maneira diferenciada em cada país, para 15% a 30%. O ponto de intersecção entre ambas as curvas assinala, *grosso modo*, a transição da sociedade agrária para a sociedade industrial. Ao mesmo tempo, porém, também o Setor Terciário (prestação de serviços), que em seu ponto de partida se encontrava num nível semelhante ao Setor Secundário, aumentou em importância relativa, ainda que, diferentemente do Setor Secundário, não tenha voltado a diminuir no século XX. Antes, ele continua a crescer constantemente, não só em termos absolutos, mas também em termos relativos, tendo atingido, nesse meio tempo, um patamar de 60% a 70%. O afastamento destas duas últimas curvas assinala, *grosso modo*, a transição da sociedade industrial para a sociedade de prestação de serviços. Pode-se constatar uma tendência semelhante, se se mede a distribuição dos empregos. Da atividade agrícola predominante passou-se ao trabalho nas fábricas e, deste, para a atividade de prestação de serviços nos escritórios (Gráfico 1).

Enquanto nos países em que a industrialização começou cedo, como na Inglaterra, por exemplo, foram necessários cerca de 200 anos para que ocorresse tal transição, nos países de industrialização tardia, no continente europeu ou na América do Norte, ela não durou mais de 100 anos. Nos países emergentes da primeira geração no Sudeste da Ásia, esse espaço de tempo se reduziu a pouco mais de 50 anos. Também neles, porém, a indústria já ultrapassou o zênite de sua importância relativa. Mesmo países como o Brasil, por exemplo, que nunca alcançaram o estágio da sociedade completamente industrializada, já entraram no terceiro estágio.

Gráfico 1**Esquema das três fases da transição da sociedade agrária para a industrial e desta para a sociedade de prestação de serviços (em tipos ideais)**

Na literatura, são apresentadas diversas hipóteses para explicar as causas dessa predominância do Setor Terciário. A hipótese centrada na demanda afirma que, com o aumento da renda, cresce a procura por bens de maior valor, que implicam uma proporção crescente do setor de prestação de serviços (indústria do lazer, por exemplo). Segundo a hipótese centrada na oferta, processos de racionalização podem ser executados com maior facilidade no Setor Secundário. A força de trabalho nele liberada encontra novos empregos nas atividades de prestação de serviços, que são mais intensivas em termos de mão-de-obra. Uma terceira tese afirma que o segundo processo de transformação é expressão da informatização da sociedade. Os aumentos de

produtividade são maiores na microeletrônica, acarretando, em consequência, uma concentração dos investimentos em áreas intensivas em termos de conhecimento. Uma quarta linha de argumentação orienta-se pelo teorema dos custos comparativos. Isto quer dizer que a concorrência proveniente do Extremo Oriente obriga, o mais tardar desde a década de 70, que se proceda a um profundo ajuste estrutural nos antigos países industrializados, de modo que neles só restam ainda ramos intensivos em termos de capital humano, que constituem justamente o Setor Terciário. Como comprovantes dessa tese, mencionam-se os fatos de que na IBM, por exemplo, dos 400 mil empregados só 20 mil se ocupam ainda com a montagem propriamente dita ou que, na indústria automobilística a nível mundial, 40% dos empregados já trabalham fora dos pavilhões das fábricas.

Se o Setor Terciário adquiriu tais proporções, faz sentido dividi-lo, em analogia à divisão por ramos da indústria, em seus componentes mais importantes, para detectar sua dinâmica interna. Na estatística internacional distinguem-se cinco subsetores: (a) comércio atacadista e varejista, indústria hoteleira; (b) transporte, armazenagem e comunicação; (c) sistema financeiro, seguradoras, imobiliárias e demais serviços profissionais; (d) serviços pessoais e sociais; e (e) serviços públicos. Dentre estes, ao contrário do que seria de se supor, o serviço público de modo algum registra o maior crescimento relativo, mas sim, os serviços profissionais, que, nos EUA, por exemplo, respondem por 25%, o que é mais que toda a indústria de transformação. O termo "serviços profissionais" designa, além das profissões já mencionadas, consultoria jurídica, consultoria fiscal e empresarial, *design*, pesquisa de mercado e publicidade, etc. Se se separassem estatisticamente os serviços ainda prestados pelas próprias empresas industriais, as relações mudariam mais ainda. Os demais subsetores, por sua vez, tiveram alteradas suas posições relativas de modo insignificante.

Pode-se, por conseguinte, demonstrar que o crescimento do Setor Terciário em sua totalidade encontra sua explicação, substancialmente, nesse fator. As maiores taxas de crescimento globais foram registradas, nos últimos 10 a 20 anos, por corretores imobiliários, corretores financeiros e *holdings* e sociedades de investimentos. Na autonomização do sistema financeiro que aí se esboça reside outra causa da perda de importância relativa da indústria de transformação, já que, aqui, a tendência à globalização das atividades, em especial no caso de transações financeiras puramente especulativas, é particularmente acentuada.

Ocorre que o crescimento explosivo do sistema financeiro internacional nos últimos 10 anos acarretou uma mudança fundamental na economia mundial. Durante séculos, a economia internacional consistia, sobretudo, na exportação e na importação de mercadorias, originalmente meros bens de luxo, como especiarias, têxteis valiosos e metais nobres. Com a revolução ocorrida no sistema de transportes por meio da navegação a vapor, da construção de estradas de ferro e de técnicas de congelamento e com a diminuição dos custos de transporte a elas vinculada, também matérias-primas, alimentos e produtos acabados de toda espécie puderam ser transacionados pelo comércio a nível internacional. Os serviços, por sua vez, devido à sua vinculação ao local em que eram prestados, dificilmente podiam ser exportados. Na medida em que exibiam uma dimensão internacional — como no caso do transporte, das seguradoras ou do sistema de crédito —, eles sempre estavam relacionados com o comércio de mercadorias, exercendo, por assim dizer, a função de "lubrificantes" do comércio internacional de mercadorias. Aos investimentos diretos em plantações ou minas, desde a década de 20, acrescentaram-se as transferências de plantas industriais inteiras e, desde os anos 60, a relocação de processos de produção trabalho-intensivo, que não acarretaram nenhuma mudança substancial nessa estrutura. O item que, de longe, era o maior no balanço de pagamentos continuou sendo sempre, quase sem modificações, a balança comercial.

Foram essencialmente três as causas que, desde meados da década de 80, desencadearam uma mudança estrutural qualitativa na economia mundial. Trata-se, em primeiro lugar, da política de desregulamentação dos anos 80, que, na esteira da renascença do neoliberalismo, atingiu justamente também os mercados de capitais a nível mundial. A *reaganomics* nos Estados Unidos ou o *tatcherismo* na Grã-Bretanha constituíam a expressão política do distanciamento do keynesianismo e, em consequência, de uma política que atribuía grande importância à condução global do Estado para a consecução de objetivos como o emprego pleno, bem como a ampliação ou, pelo menos, a manutenção do Estado social. Trata-se, ainda, das inovações revolucionárias na área da microeletrônica, da optoeletrônica e da telecomunicação. A ligação do Mundo (em especial também de suas Bolsas) em rede a nível global — desde então tecnicamente possível e entretanto também implementada — não só resolveu os problemas da superação de espaço e tempo, mas também possibilitou decompor a prestação de serviços em componentes avulsos, submetê-la a uma divisão internacional de trabalho, suspendendo, consequen-

temente, sua vinculação a um local de produção, e, por conseguinte, torná-la comerciável a nível internacional. Isto se aplica, de modo particular, à prestação de serviços financeiros. Também a esfera do processamento eletrônico de dados pode, entretanto, ser decomposta em processos operacionais não vinculados a um local de produção; isto ocorre quando, por exemplo no caso de seguradoras, bancos ou companhias aéreas, a entrada de dados, que é intensiva em termos de mão-de-obra, é deslocada para a Índia. Pela manhã, os comprovantes de reservas chegam em malotes postais por avião; à noite, os dados introduzidos são devolvidos eletronicamente. Trata-se, por fim, dos extraordinários desequilíbrios nas balanças comerciais dos grandes atores da economia mundial; para equilibrá-los, foi necessária uma correspondente transferência de capital. Os elevados superávits do Japão, da República Federal da Alemanha, de alguns países emergentes do Sudeste da Ásia e de alguns países da OPEP tornaram disponíveis enormes capitais, que buscavam possibilidades de aplicação rentável. Nos países com déficits elevados, como os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, eles se depararam com uma procura correspondente. O Acordo de Plaza, celebrado em Nova Iorque, em 1985, com suas mudanças dramáticas das taxas de câmbio que perduram até hoje, teve, nesse caso, o efeito de um amplificador.

Desde então, podem-se constatar, simplificando muito, as seguintes tendências: o comércio internacional de mercadorias passa por uma estagnação, se o medimos pelo crescimento do produto mundial bruto, e até está diminuindo em termos relativos em alguns países, o que também se pode demonstrar estatisticamente num retrocesso da quota de comércio exterior. Com relação à economia de mercadorias, portanto, está tendo lugar uma renacionalização das economias. Isso se deve ao fato de que o crescimento da grandeza relacional chamada Produto Interno Bruto ocorre primordialmente através do Setor Terciário, ao passo que o comércio de mercadorias é apenas resultado dos Setores Primário e Secundário, que se encontram em relativo encolhimento. O comércio internacional com prestação de serviços, contudo, por enquanto só subiu de modo insignificante em termos relativos, contrariando as expectativas. Isso provavelmente é devido à existência de um alto fator de insegurança na apreensão estatística de tais transações. Existem estimativas que partem de uma subavaliação de até 50%. O que verdadeiramente explodiu desde meados da década de 80, porém, foi a exportação de capital em todas as suas dimensões, tendo como consequência uma igual explosão dos rendimentos dos capitais aplicados no Exterior. Nesse sentido, em alguns países,

temos um patamar de 30% a 40%, em casos excepcionais até de 60% a 70% da receita proveniente da exportação de mercadorias. A isso contrapõem-se também pagamentos correspondentes feitos ao Exterior, de modo que, por enquanto, a tese da formação de economias de rendas na pós-modernidade ainda parece exagerada; ainda assim, é digno de nota o fato de que já existem países para os quais a balança comercial não representa mais o maior item no balanço de pagamentos.

Se se divide a exportação de capital em suas dimensões mais importantes, depara-se com o seguinte quadro: enquanto, em épocas anteriores, os investimentos diretos e os investimentos de *portfolio* apresentavam, inicialmente, valores mais ou menos iguais, os investimentos diretos, por ora, se expandiram. Entretanto eles quase não foram mais feitos nos setores tradicionais, como a mineração ou a indústria de transformação, mas concentraram-se, cada vez mais, no Setor Terciário, sendo que, em especial, o sistema financeiro e o mercado de imóveis passaram a ser campos preferenciais de aplicação. Portanto, nos anos 80 foi montada a infra-estrutura de um setor financeiro internacionalmente conectado. Desde o início da década de 90, contudo, a importância de investimentos diretos voltou a diminuir. Desde então, estão crescendo, e esta é a verdadeira tendência qualitativamente nova, os investimentos de *portfolio*. Isso vale não só para aplicações de capital de longo prazo — como, por exemplo, empréstimos a Estados —, mas também e de modo especial para aplicações de curto prazo com um prazo inferior a três meses. Seu volume é atualmente de 400% dos investimentos diretos. O movimento diário nas bolsas internacionais é estimado em US\$ 1.000 bilhões. Desse total, apenas cerca de 2% servem ainda para o financiamento do comércio internacional de mercadorias.

A grande massa é constituída, antes, pelas aplicações puramente especulativas nos mercados a termo de juros, divisas e mercadorias, portanto, o comércio com *options*, *futures*, *swaps* e outras novas "inovações financeiras". Originalmente, negócios a termo tinham uma importância que fazia muito sentido para a administração das empresas. Produtores ou processadores de matérias-primas e produtos agrícolas que queriam se garantir contra as fortes oscilações de preço nas Bolsas de Mercadorias, bem como exportadores ou importadores que, sob o signo de taxas de câmbio variáveis, procuravam evitar riscos cambiais, compravam ou vendiam óleo, café ou algodão, ou, então, dólares, iênes ou marcos, a termo e por um preço combinado. O contrato vencia quando o negócio devia ser efetivamente realizado. Isso

servia a ambos os lados. Assim, as fortes oscilações de preço, por exemplo, no *spotmarket* de óleo cru de Roterdã, possivelmente provocadas por acontecimentos políticos imprevisíveis nos países árabes, afetam apenas as pequenas quantidades de excedentes que não estão sujeitas ao negócio a termo acertado em termos fixos.

Nesse meio tempo, porém, o comércio com tais contratos assumiu dimensões que estão em desproporção com os volumes das mercadorias efetivamente negociadas ou com as divisas necessárias para os negócios de comércio exterior. A grande massa dos contratos nem corresponde mais a transações reais, mesmo que a evolução das cotações dos contratos seja derivada dos preços efetivos das matérias-primas, das taxas de juros, dos índices das ações ou das taxas de câmbio. Trata-se, isto sim, de puras apostas com a evolução futura das cotações. As flutuações destas podem ser capitalizadas literalmente em minutos, ou, então, só em alguns meses. Essa roleta se torna inteiramente incompreensível para quem não é *insider*, visto que os novos "instrumentos financeiros" podem ser combinados de qualquer forma. Trata-se, por exemplo, de *options* para *futures* ou *futures* para *options*. Para que isso também valha a pena ao serem feitas as contas, pois se trata apenas de levar diferenças de cotação, somas correspondentemente elevadas precisam ser aplicadas em posições credoras ou devedoras. Na primavera de 1992, os movimentos diários médios nos mercados cambiais em todo o Mundo somavam US\$ 1.000 bilhões, sendo US\$ 300 bilhões na Bolsa de Londres, US\$ 192 bilhões na de Nova Iorque e US\$ 128 na de Tóquio.

O volume total desse comércio de derivativos, na medida em que foi realizado nas Bolsas, já foi de US\$ 8 trilhões em 1993, em comparação com "mero" US\$ 1,3 trilhão em 1988. Acrescentou-se a isso, ainda no mesmo ano, um montante estimado de US\$ 6 trilhões nos negócios feitos fora das Bolsas, cujo movimento se subtrai a qualquer controle. Isso representa, em conjunto, um movimento de US\$ 500 mil por segundo! Sobre esse pano de fundo, já no ano de 1978, James Tobin, com uma impressionante visão de longo alcance, apresentou a proposta (que foi retomada no recente **Human Development Report**) de taxar esses movimentos com um novo imposto, a fim de regularizar a especulação e mobilizar recursos adicionais para a cooperação para o desenvolvimento.

Quais são as conseqüências das tendências descritas conseqüências que só se revelarão em toda a sua extensão nos próximos 10 ou 20 anos?

1. O fato de que o volume da circulação internacional de capital está em desproporção com o volume do comércio de mercadorias deve ser visto como indicador de que o mundo financeiro está se tornando independente do mundo das mercadorias; ao passo que, antigamente, se podia pressupor que a prestação de serviços a nível internacional — isso também se aplica justamente a negócios com divisas — servia, primordialmente, para fazer o comércio de mercadorias, e, através de contratos a termo, obter uma garantia contra riscos de variação das taxas de câmbio ou de oscilação de preços nas Bolsas de Matérias-Primas. Entrementes o mundo financeiro, amplamente desligado do mundo das mercadorias, tem uma vida própria. O comércio com *options* ou *futures* não visa à diminuição do risco, mas é um fim em si mesmo. Entretanto, nesse mercado, o valor de troca tornou-se completamente independente do valor de uso das mercadorias. O interesse dos analistas financeiros deixa, conseqüentemente, de se voltar para indicadores "duros" como a situação de uma empresa em termos de rendimento, os dados conjunturais de uma economia nacional (os assim chamados "fundamentalistas"); antes, a evolução futura das cotações é extrapolada a partir da evolução precedente (os assim chamados "chartistas"). Se, então, se aplicar capital suficiente na alta ou na baixa, a cotação já vai se mover na direção que se deseja. Visto que todos os demais especuladores utilizam programas semelhantes para analisar a cotação, também eles são obrigados a marchar na mesma direção. Dessa maneira, surge um sistema auto-referencial sem contato com o mundo econômico material.

2. Em decorrência da concatenação mundial das metrópoles financeiras, na economia desmaterializada a problemática da localização está suspensa. Fatores naturais, como solo, clima, reservas de matérias-primas, e mesmo fatores adquiridos, como qualificação da mão-de-obra, competência científico-técnica, diferenças salariais, ou então estímulos ou medidas de proteção por parte do Estado, não têm mais importância para "decisões de investimentos". Uma divisão internacional do trabalho de acordo com as vantagens comparativas, que a rigor é prescrita pela doutrina do neoclasicismo, não mais acontece. O capital flui em questão de segundos para onde se podem capitalizar, durante minutos, diferenças de cotação. O próprio capital, portanto, atingiu sua forma mais pura, alcançou uma mobilidade que era simplesmente inconcebível mesmo para um Karl Marx. O

recurso de concorrência que tudo decide é a rapidez com que o programa de análise das cotações consegue processar quantidades tão grandes quanto possível de dados e cospe as respectivas instruções de compra ou venda.

3. Se tanto os ganhos quanto as perdas se originam primordialmente da atividade especulativa, as grandes empresas industriais transformam-se, de baixo do pano, em empresas financeiras, pois, entretanto, todas instalaram os respectivos departamentos a fim de empregar seu capital líquido para a rápida transferência dos bilhões da especulação. Com esses rendimentos, alimenta-se, eventualmente, também a fabricação industrial propriamente dita, se a situação dos negócios o exige. Entretanto os riscos, não por último para os empregos, são enormes. As grandes falências dos anos passados (VW, Klöckner, Metallgesellschaft ou Baring) lançaram uma luz clara sobre essa questão, porém certamente representam apenas a ponta do *iceberg*. Os próprios bancos são participantes desse capitalismo de jogo de azar, quando seu tradicional negócio com créditos para o financiamento de investimentos tradicionais não rende mais o suficiente; isto para não falar dos outros grandes pontos de concentração de capital, como seguradoras, fundos de pensão ou sociedades de investimento. Isso quer dizer, também, que, no futuro, os grandes atores da economia mundial não serão mais as multinacionais clássicas, como Exxon, General Motors, Unilever ou IBM, mas, sim, corretoras, como Merryl Lynch, Morgan Stanley e Nomura Securities, ou prestadoras de serviços financeiros, como a Reuters, na qual o negócio com notícias já há muitos anos representa apenas uma fração do faturamento.

4. Conseqüências dramáticas para os mercados de trabalho tem o fato de que o crescimento da economia desmaterializada quase não é mais relevante em termos de empregos. Não só nos países do Hemisfério Sul, mas também nas sociedades pós-modernas de prestação de serviços, se estabelece um novo dualismo entre um setor terciário forte em termos de renda, com elevado crescimento e elevada renda, e um setor carente de subsídios: a economia material ainda restante. Basta pensar na mineração, na indústria do aço, nos estaleiros, na agricultura. A fabricação de máquinas, a de veículos e a indústria eletrotécnica serão as próximas. A expressão "sociedade dos dois terços" adquire, assim, um significado inteiramente novo. Visto que, além disso, o mundo do capital financeiro, como mostram diversos exemplos, consegue se subtrair à tributação de uma maneira extremamente sofisticada, diminui, em conseqüência, também a capaci-

dade dos governos de cobrir a crescente necessidade de subsídios para o setor industrial restante. Aqui residem as razões por que em toda parte o Welfare State, que é a conquista da modernidade por excelência, está sendo posto em disponibilidade e porque os clássicos sindicatos de industriários só conseguem operar de modo defensivo, enquanto o número de seus membros diminui.

5. Também para a divisão internacional do trabalho se anuncia uma nova mudança. Se o processo de desindustrialização nos antigos países industrializados continuar no mesmo ritmo, ter-se-á, ao final, uma situação em que as sociedades puramente prestadoras de serviços se limitarão apenas à produção de conhecimento, ao *software*, enquanto os novos países industrializados no Leste e no Sudeste da Ásia se tornarão os aplicadores desse conhecimento. Correspondentemente, a problemática do meio ambiente se deslocará para os novos países industrializados. Isso, porém, significa também que o futuro crescimento dificilmente ainda estará correlacionado com um crescimento correspondente no consumo de matérias-primas e energia. Aqui se encontra uma explicação para o fato de que os tradicionais fornecedores de matérias-primas participam cada vez menos no comércio mundial.

6. Além disso, é preciso constatar que se está insinuando uma diminuição da soberania dos Estados nacionais. As indicações disso, por exemplo no setor da política monetária, já são claríssimas. Se o mundo econômico só tem ainda caráter simbólico, os instrumentos tradicionais da política econômica externa fracassam, e também as tradicionais organizações e convenções internacionais chegam ao limite de sua capacidade de regulamentação. Deve-se pensar no GATT, por exemplo. O fato de que a Rodada Uruguai só pôde ser concluída porque se deixaram fora questões importantes para a regulamentação do comércio internacional de prestação de serviços deve ser atribuído não só aos interesses incompatíveis dos parceiros de negociação, mas também ao fato de que, em princípio, tais transações dificilmente ainda podem ser regulamentadas, porque os instrumentos tradicionais de controle e sanção fracassam.

7. Se, por fim, se contempla o Mundo como um todo, pode-se imaginar uma divisão em três partes inteiramente nova. Os antigos países industrializados do Hemisfério Norte transforma-se-ão em sociedades pós-modernas de prestação de serviços, cujo crescimento se nutrirá da produção, do financiamento e da administração de conhecimento e informações. Elas próprias virarão países de Hemisfério Sul, se a ociosidade industrial se

ampliar, se uma parcela considerável da população cair fora dessa economia desmaterializada e for degradada à condição de recebedores de esmolas, já que, para o trabalho industrial clássico, quase não mais haverá procura. Em especial nos Estados Unidos, esse processo já está avançado; não por acaso esse é o país com o mais elevado grau de "terciarização". Aponte-se apenas o novo caráter inóspito das cidades, o novo analfabetismo, a nova pobreza, a decadência do monopólio estatal da violência em bairros inteiros, a dissolução da família nuclear, o abandono das crianças, etc. Ao lado disso, crescem em direção ao céu novas catedrais do capital financeiro ou os templos de consumo do luxo cotidiano nos *shoppings*, ao qual só podem se entregar ainda as pessoas que obtêm elevadas rendas nas novas profissões de prestação de serviços. Nos novos países industrializados no Leste e no Sudeste da Ásia (o Japão não está mais incluído aqui), por sua vez, é a modernidade que vai entrar. Aqui se juntará a economia material. A partir daqui, abastecer-se-ão as sociedades de prestação de serviços do Hemisfério Norte com os produtos necessários no dia-a-dia, produzir-se-á o *hardware* da sociedade das informações. As matérias-primas — na medida em que, em decorrência da miniaturização, da microeletrônica e da tecnologia genética, ainda são necessárias — virão paradoxalmente, em sua maior parte, dos antigos países industrializados, como os EUA, o Canadá, a Austrália ou a Rússia. Só a região produtora de petróleo junto ao Golfo Pérsico manterá sua função clássica. O "resto", ou seja, a África ao sul do Saara, amplas partes do sul e do centro da Ásia e da América Latina não serão mais necessárias, ter-se-ão tornado, do ponto de vista da economia mundial, desinteressantes tanto como mercado quanto como fornecedores, serão vítimas do novo esquecimento. A pós-modernidade não necessita de colônias. A política imperialista não fará, então, mais sentido. Por cima de tudo, estende-se um setor transnacional da economia simbólica, que possuirá suas interfaces opcionalmente nas cidades globais, como Nova Iorque, Tóquio, Hong Kong, Cingapura, Londres ou Frankfurt, mas também nas Ilhas Caimã, em Curaçao ou na Zona do Canal do Panamá, que, porém, a rigor, não poderá mais ser situado geograficamente numa compreensão clássica de Estado nacional. No mundo do capitalismo de cassino, as fronteiras estarão suspensas, e o Estado terá pura e simplesmente cedido sua soberania ao mercado.

Tabela 1

Grau de "terciarização" de 23 países em percentual do PIB — 1960-1989

DISCRIMINAÇÃO	1960	1970	1975	1980	1985	1987	1989	1994 (1)
EUA	59,7	63,1	64,0	64,4	67,8	70,1	73,1	80
Japão	48,2	48,8	54,5	58,3	57,9	59,0	59,3	-
Alemanha	40,6	41,5	48,0	49,5	52,7	53,5	53,6	-
França	...	48,2	51,7	57,0	60,8	62,8	63,8	-
Inglaterra	45,7	46,8	52,8	50,5	52,9	55,1	...	-
Itália	44,0	47,9	51,6	53,5	58,7	59,9	60,1	-
Canadá	48,4	50,2	52,2	52,9	54,2	55,0	...	-
Brasil	42,7	47,3	46,4	48,0	50,5	53,4	66,5	-
Espanha	38,0	45,3	47,8	55,9	60,8	59,5	...	-
Índia	27,9	30,2	32,2	32,4	34,7	35,6	35,9	-
Holanda	41,6	51,3	55,4	58,1	57,4	59,9	59,2	-
Austrália	42,2	61,2	59,6	59,3	62,6	65,6	66,3	-
Irã	37,4	43,4	38,5	53,3	53,9	55,9	...	-
Suíça	...	47,0	49,3	56,2	56,2	57,2	57,5	-
Bélgica	50,1	53,5	58,6	57,3	60,7	62,9	61,6	-
México	55,9	56,3	56,8	60,2	58,7	56,4	60,9	-
Coréia do Sul	41,0	41,8	39,1	42,2	42,9	43,2	44,4	-
Áustria	39,9	46,7	47,8	50,8	54,1	55,4	55,5	-
Dinamarca	45,8	51,6	57,4	56,6	57,6	57,9	59,8	-
Egito	42,0	43,2	42,8	43,5	48,7	...	...	-
Finlândia	40,0	42,3	45,0	46,3	50,0	51,7	51,8	-
Noruega	53,0	52,7	51,6	49,0	47,6	54,1	55,6	-
Argentina	41,9	44,0	46,9	54,8	...	...	...	-
Total	52,3	53,6	55,7	56,7	60,6	61,5	64,0	68

FONTE: Annex/Tabela IV.

(1) Estimativas.

Tabela 2

Evolução das áreas do Setor Terciário global (23 países) em percentual do
Produto Mundial Bruto — 1960-1989

SETOR TERCIÁRIO NO MUNDO	1960	1970	1975	1980	1985	1989
Comércio atacadista e varejista, restaurantes e hotéis	15,4	14,5	15,2	15,0	15,4	14,7
Transporte, armazenagem e comunicação	6,7	6,3	6,1	6,2	6,3	6,2
Sistema financeiro e seguros, imóveis e prestação de serviços profissio- nais	13,0	14,8	14,9	15,9	18,7	21,2
Serviços comunitários, pessoais e sociais	17,2	7,7	8,9	7,8	8,8	0,2
Serviços públicos (1).....	10,3	10,7	11,7	11,4	10,9	...

FONTE: Annex/Tabela IV.

NOTA: Engloba 23 países, sendo que, em 1960, sem a França e a Suíça; em 1985, sem a Argentina; em 1987, sem o Egito e a Argentina; e, em 1989, sem a Inglaterra, o Canadá, a Espanha, o Irã, o Egito e a Argentina.

(1) Contidos na categoria "serviços comunitários, pessoais e sociais".

Tabela 3

Magnitude da esfera privada de prestação de serviços intensivos em termos
de capital humano (sistema financeiro e seguros, imóveis
e serviços profissionais) em percentual do PIB,
em 23 países e no Mundo — 1960-1989

DISCRIMINAÇÃO	1960	1970	1975	1980	1985	1987	1989
Brasil	8,0	13,9	12,6	14,4	20,0	23,3	32,9
EUA	17,1	18,5	18,4	20,4	23,1	25,1	27,0
Itália	9,7	17,0	19,6	19,2	21,9	22,6	23,2
Alemanha	13,4	14,7	16,8	18,3	20,2	21,5	...
Austrália	8,4	15,0	15,3	17,3	18,5	21,0	21,5
Inglaterra	8,8	12,9	14,9	15,8	18,2	19,8	...
Suécia	11,0	10,6	14,2	16,0	17,5	18,2	...
Canadá	10,3	12,7	13,9	15,6	16,6	17,4	...
Holanda	8,5	9,6	11,3	13,9	15,7	17,0	17,5
Espanha	5,8	7,9	8,4	13,2	17,7	16,8	...
Japão	9,2	12,3	13,4	14,6	15,4	16,3	16,9
Áustria	6,1	8,5	10,2	12,0	15,2	16,1	16,5
Dinamarca	7,6	10,9	13,2	14,0	14,6	15,3	16,4
Finlândia	10,2	11,2	12,3	12,5	14,1	15,2	16,1
Coréia do Sul	8,5	8,2	6,6	11,0	11,8	12,1	14,1
Noruega	5,4	9,1	9,7	9,9	11,3	13,9	14,1
Irã	7,8	12,2	14,3	15,6	13,2	14,4	...
Argentina	3,6	11,0	8,4	13,7	...	...	...
Alemanha	6,6	8,2	10,4	10,3	12,3	11,7	11,6
México	9,2	11,5	9,7	8,9	7,7	7,3	10,6
Índia	5,1	9,2	8,6	7,9	7,6	7,6	7,8
Egito	5,1	7,3	6,9	7,5	7,5	...	...
Bélgica	12,3	10,7	11,0	4,3	5,6	6,1	6,1
Mundo	13,0	14,8	14,9	15,9	18,7	19,5	21,2

FONTE: Annex/Tabela IV.

Tabela 4

Investimentos diretos no Exterior dos cinco mais importantes países de origem (Alemanha, Grã-Bretanha, Japão, Holanda, EUA) e distribuição por ramos — 1976-90

(%)

ANOS	INDÚS- TRIA DE TRANS- FORMA- ÇÃO	MINERA- ÇÃO E PETRÓ- LEO	COMÉR- CIO	SISTEMA FINAN- CEIRO E BANCOS	IMÓVEIS	SERVI- ÇOS	OUTROS	TOTAL
1976	45,11	10,10	11,35	11,29	0,82	1,17	20,16	100,00
1977	44,85	9,90	11,48	11,93	0,92	1,38	19,54	100,00
1978	45,46	9,17	12,00	12,40	0,96	1,55	18,45	100,00
1979	42,77	9,56	12,64	14,31	1,50	1,72	17,50	100,00
1980	41,78	9,81	12,70	14,09	1,60	1,77	18,24	100,00
1981	40,61	10,35	12,95	13,68	1,30	1,89	19,21	100,00
1982	36,64	14,55	13,04	12,39	0,62	4,07	18,69	100,00
1983	35,63	15,00	13,24	12,25	0,67	4,21	19,01	100,00
1984	35,13	14,65	12,93	13,18	0,80	5,02	18,29	100,00
1985	35,68	13,04	11,68	16,11	0,97	5,97	16,55	100,00
1986	34,82	12,12	11,77	18,51	1,56	5,89	15,33	100,00
1987	34,76	11,65	11,63	20,60	2,15	6,35	12,87	100,00
1988	34,69	11,02	11,29	21,88	2,88	6,62	11,62	100,00
1989	33,57	10,36	11,04	23,76	3,92	7,30	10,05	100,00
1990	33,01	9,94	10,95	24,01	4,22	8,11	9,76	100,00

FONTE: Albert/Brock/Hessler/Menzel/Neyer, 1994, Bd. II:11/78.

Tabela 5

Movimentação do capital de *portfolio* dos países industrializados
(entrada + saída) — 1976-1992

(US\$ bilhões)

PERÍODOS E ANOS	TOTAL	PARCELAS			
		EUA	Japão	Grã-Bretanha	Resto da Comunidade Européia
1976-80 (1)	46,9	10,5	8,5	4,6	13,5
1981-85 (1)	138,4	35,9	37,6	17,1	28,9
1986-90 (1)	369,6	58,3	112,8	48,2	101,7
1990	307,7	27,9	74,4	38,6	132,2
1991	648,6	96,2	189,6	80,3	192,8
1992	546,5	113,6	42,6	76,9	261,2

FONTE: Calculado segundo Bank für Internationalen Zahlungsausgleich, 1993, p.101.

(1) Média anual.

Tabela 6

Quantidade de ativos no Exterior de sete países selecionados
e taxa de crescimento — 1982-91

ANOS	EUA (US\$ bi - lhões)	JAPÃO (US\$ bi- lhões)	BRASIL (US\$ bi- lhões)	FRANÇA (US\$ bi- lhões)	ITÁLIA (US\$ bi - lhões)	GRÃ BRE- TANHA (US\$ bilhões)	CANA- DÁ (US\$ bi - lhões)	TOTAL (US\$ bi- lhões)	CRESCI- MENTO EM%
1982	999	227	38	179	95	700	84	2 636	0,06
1984	1 096	340	239	182	103	716	92	2 768	0,05
1985	1 167	437	336	215	119	853	90	3 217	0,16
1986	1 308	726	495	255	156	1 058	100	4 098	0,27
1987	1 437	1 070	657	337	195	1 296	118	5 110	0,25
1988	1 547	1 468	682	339	209	1 398	144	5 787	0,13
1989	1 690	1 770	855	472	269	1 535	161	6 752	0,17
1990	1 782	1 857	1 092	628	352	1 732	177	7 620	0,13
1991	1 868	2 005	1 144	625	398	1 773	190	8 003	0,05

FONTE: OECO: Wirtschaftsausblick 53, juni 1993, cálculos próprios.

Tabela 7

Quotas provenientes de renda de capital/exportação de mercadorias para
EUA, Japão, Alemanha, França, Grã-Bretanha
e Mundo (25 países) — 1961-1993

ANOS	ALEMANHA	JAPÃO	FRANÇA	EUA	GRÃ BRETANHA	MUNDO (25 Países)
1961	0,02	0,02	...	0,25	0,18	0,10
1965	0,02	0,02	...	0,28	0,21	0,11
1970	0,07	0,04	0,10	0,33	0,20	0,14
1975	0,07	0,07	0,11	0,28	0,36	0,14
1980	0,09	0,09	0,20	0,35	0,51	0,20
1985	0,10	0,13	0,23	0,41	0,68	0,22
1990	0,17	0,45	0,18	0,37	0,80	0,29
1993	0,24	(1) 0,44	0,46	(1) 0,30	(1) 0,61	0,30

FONTE: Annex/Tabela II.

(1) Dados para 1992.

Tabela 8

Negócios bancários internacionais para EUA, Japão, Alemanha, França e Inglaterra e para
países industrializados e em desenvolvimento — 1976-1990

(US\$ bilhões)

ANOS	MUNDO	EUA	JAPÃO	ALEMANHA
1976	1 448,30	143,85	50,69	78,40
1980	3 731,50	355,45	145,91	157,29
1985	6 008,50	828,06	373,91	188,67
1990	13 897,40	1 380,85	1 909,08	621,17

ANOS	FRANÇA	INGLATERRA	PAÍSES INDUS- TRIALIZADOS	PAÍSES EM DESEN- VOLVIMENTO
1976	92,80	300,12	1 057,00	391,33
1980	306,88	734,01	2 726,60	1 004,97
1985	381,58	1 215,84	4 419,50	1 588,92
1990	977,69	2 270,25	10 572,10	3 325,33

FONTE: International Financial Statistics Yearbook 1991.

Tabela 9

Médias diárias das transações de divisas nos principais mercados (1) — abr./89 e abr./92

(US\$ bilhões)

DISCRIMINAÇÃO	ABRIL/89	ABRIL/92
Londres	187	300
Nova Iorque	129	192
Toquio	115	128
Singapura	55	74
Suíça	57	68
Hong Kong	49	61
Alemanha	...	57
Paris	26	35
Demais	49	85
TOTAL	667	1 000

FONTE: Kollar 1993: 115.

(1) Num total de 26 países.

Tabela 10

Movimentos anuais nos mercados de títulos derivativos selecionados — 1988-93

(US\$ bilhões)

TÍTULOS NEGOCIADOS NAS BOLSAS	1988	1989	1990	1991	1992	1988
<i>Futures</i> de juros	895	1 201	1 454	2 157	2 902	4 960
<i>Options</i> de juros	279	388	600	1 073	1 385	2 361
<i>Futures</i> de moeda	12	16	16	18	25	30
<i>Options</i> de moeda	48	50	56	61	80	81
<i>Futures</i> de índice de ações	28	42	70	77	81	119
<i>Options</i> de índice de ações	44	72	96	137	168	286
TOTAL	1 306	1 768	2 292	3 523	4 642	7 839
Títulos extra-Bolsa (OTC)	...	...	3 450	4 449	5 346	...
<i>Swaps</i> de juros	1 010	1 503	2 312	3 065	3 851	...
<i>Swaps</i> de moeda	320	449	578	807	860	...
Demais derivativos relacionados a <i>swaps</i>	...	...	561	577	635	...

FONTE: BIZ 1994:123.

Abstract

The author deals with transition from modern industrial societies to service societies. He considers the early industrialized countries and emergent countries in a historical context and presents explanatory hypothesis of this change centered on supply and demand. He also presents deregulation policies, technological innovations and compression of time and space as causes of this process and points nonproportion between financial capital and commodity flow, dematerialization of economy, deindustrialization, transformations of the labor market, decline of national sovereignty and geopolitical changes as the principal consequences of this process.

PRODUTOS FEE

Assinatura Anual

Revista Indicadores Econômicos FEE (trimestral).....R\$ 70,00

Revista Ensaio FEE (semestral)R\$ 40,00

Em Disquete

Resumo Estatístico MunicipalR\$ 40,00

Envie seu nome (ou razão social), Cx. Postal, Endereço, Telefone, Fax, CEP, Cidade, Estado.

FORMAS DE PAGAMENTO

- Sedex a cobrar.
- Depósito em conta da Fundação de Economia e Estatística
Siegfried Emanuel Heuser - BANRISUL - Agência 073,
Conta nº 03000484.0-7.
- Cheque nominal à FEE.

Caso haja preferência pela segunda ou terceira opções, enviar o comprovante de depósito ou o cheque que nominal à Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, Livraria Rua de Caxias, 1691 - térreo - CEP 90 010-283 - Porto Alegre -RS. Para outros esclarecimentos, ligar para (051)225-9455,ramal 123.